

**CONJUNTURA**

**Pesquisa da Fundação Getúlio Vargas mostra que triplicou o número de industriais preocupados com as denúncias de corrupção**

# Crise política ameaça crescimento econômico

**A**crise política já é apontada como um dos três principais fatores limitadores ao crescimento sustentado da economia. No ano passado, o ambiente político dividia a última colocação entre os sete fatores citados, junto ao desequilíbrio público e falta de política industrial, conforme pesquisa da Fundação Getúlio Vargas (FGV). O levantamento mostra, ainda, que os industriais prevêem crescimento de 8% na capacidade produtiva este ano e de 17% até 2008.

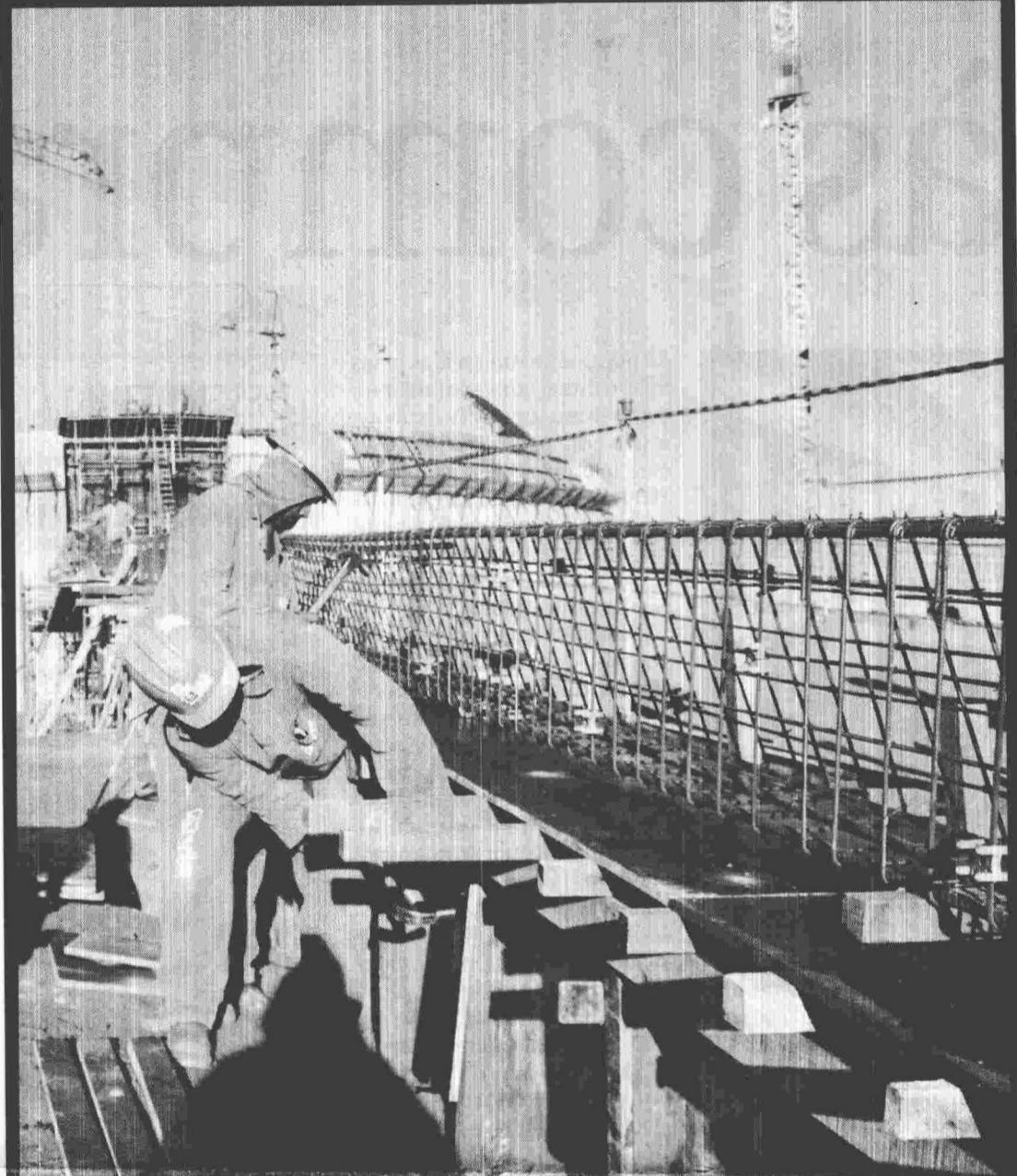
Os dados da Sondagem Industrial Quesitos Especiais, divulgada ontem, mostram que o ambiente político foi apontado por 7% das 1.003 indústrias entrevistadas como problema potencial ao crescimento. No início de 2004, antes da eclosão da crise em meados do ano, apenas 2% citavam o fator. A carga tributária ainda lidera a lista de problemas, lembrada por 43% das empresas, seguida dos juros, 33% – bem mais do que os 19% do ano anterior.

Segundo o coordenador da pesquisa da FGV, Aloisio Campelo, as respostas dos empresários foram influenciadas pelo aprofundamento da crise. O setor que demonstrou maior preocupação foi o de bens de capital, onde 20% das empresas ouvidas indicaram o quesito como entrave ao crescimento. Na categoria de material de construção a incidência também foi alta: 12% das respostas. As citações quanto ao ambiente político no resultado geral superaram as do item “infra-estrutura deficiente”, que foi de 5%.

Dentre os segmentos que mais indicaram a política como o fator limitador figuraram o mobiliário (33%), mecânica (19%), celulose e papel (19%) e minerais não metálicos (14%). Campelo destaca que o resultado está mais ligado às notícias envolvendo partidos políticos e pagamento de propinas do que ao fato de 2006 ser um ano eleitoral. Ele ressalta, contudo, um aspecto favorável, do ponto de vista econômico. Com a estabilidade e uma maior previsibilidade na economia, os empresários estão observando com mais clareza outros problemas e as respostas já não se concentram em apenas uma questão.

Ele explica que, no início de 2005, 53% das empresas citaram a carga tributária como principal problema ao crescimento, peso que caiu em 12 pontos percentuais este ano. Campelo avalia que medidas adotadas pelo governo, como a “MP do Bem” e

Iano Andrade/CB/6.7.05



**SETOR DA CONSTRUÇÃO CIVIL FOI UM DOS QUE MAIS MANIFESTARAM PREOCUPAÇÃO COM A CRISE POLÍTICA**

## SONDAGEM

Respostas de 1.003 industriais ouvidos pela FVG sobre suas preocupações (Em %)

Assunto	2004	2005	2006
Carga tributária	51	55	43
Taxas de juros	32	19	33
Ambiente político interno	4	2	7
Infra-estrutura deficiente	4	17	5
Desequilíbrio das contas públicas	5	2	5
Falta de política industrial	2	2	4
Ambiente externo	2	3	3

Fonte: FGV \*Capacidade de produção

isenções tributárias, contribuíram para esta variação.

## Emprego

O nível de emprego da indústria de transformação do estado de São Paulo ficou praticamente estável em janeiro e registrou o pior resultado para o mês desde

2000, início da série histórica.

Dados divulgados ontem pela Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) mostram que foram gerados no mês passado apenas 623 novos postos de trabalho no setor, o equivalente a um leve aumento de 0,03% no total de vagas sem

considerar o ajuste sazonal.

Em janeiro do ano passado, por exemplo, o indicador de emprego sem ajuste sazonal havia apontado crescimento de 0,31%. Com ajuste sazonal (que elimina as características específicas de cada período), houve uma retração de 0,10% no nível de emprego da indústria paulista.

Dos 47 setores pesquisados pela Fiesp, 21 aumentaram o total de vagas na indústria no mês passado, 19 mais demitiram do que contrataram e sete apresentaram estabilidade. O melhor desempenho em janeiro foi verificado no segmento de artefatos de papel, papelão e cartolina, com expansão de 3,79% no número de postos. Calçados de Franca, cujas exportações têm sido prejudicadas pela desvalorização do dólar, foi o setor que mais demitiu, com redução de 11,39% no total de vagas.